

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O WOMEX LISBOA 2022
22 de novembro de 2022

GIDAM (ALL THE WAY) / 2022

de Arthur Larie e Bastien Massa

Realização: Arthur Larie e Bastien Massa / Fotografia e Montagem: Arthur Larie / Som: Arthur Larie / Produção: PAN African Music, Idol Media / Cópia: Digital, falado em inglês e sudanês com legendas em inglês e legendas eletrônicas em português / Duração: 11 minutos / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

THIS IS NATIONAL WAKE / 2022

de Mirissa Neff

Realização: Mirissa Neff / Produção: Mirissa Neff, Joshua Jelly-Schapiro / Coprodução: Nadine Kadey / Montagem: Doug Lenox, Mirissa Neff / Fotografia: Philip Bell / Produção de Imagens da Banda: Nadine Kadey / Fotografias da Banda: Robin Muir, Nadine Kadey / Produção Executiva: Kweku Mandela, Bryn Mooser, Kathryn Everett / Participações: Ivan Kadey, Yusi Shibambo, Phidni Lesabeer, Zodwa Nkutha, Risenga Makondo, Vivien Khoza, Benjy Mudie, TJM Tutty, Stuart Smyth, Trevor Ngwane, Gary Khoga, Punka Khoza, Mike Lebeso, Steve Moni, Paul Giraud / Cópia: Digital, falado em inglês com legendas eletrônicas em português / Duração: 65 / Inédito Comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Duração total da projeção: 76 minutos.

Sessão com apresentação presencial do realizador Arthur Larie e, em vídeo, da realizadora Mirissa Neff.

A guitarra de Woody Guthrie tinha inscrita a célebre frase “[t]his machine kills fascists”. A música é celebração da vida e, apesar ou por causa disso, é ou pode ser também uma arma para combater a injustiça e provocar a desejada mudança. A jovem de **Gidam** alimenta a esperança de participar nesse movimento de mudança que se anuncia (ou prenuncia) nas ruas de Cartum, durante manifestações visando o regime militar sudanês. A protagonista não é identificada para sua proteção, mas dá a cara e a voz pela esperança nessa transformação política do seu país. Aos seus olhos esperançosos e “otimistas”, a música tem o poder de “fazer as coisas acontecerem”.

Ela representa a juventude sudanesa, a quem é dedicado este filme, servindo ele para medir o pulso ao que se passa neste que é o terceiro maior país de África, desde que se deu a deposição do ditador Omar Al-Bashir e a subsequente tomada do poder pelo exército. Jovem mulher de uma radiosa perspetiva sobre o futuro, a protagonista sinaliza, pelo seu exemplo de coragem (e pelo seu próprio discurso, em inglês fluido), uma geração aberta ao mundo, mais politicamente esclarecida e ansiosa por virar a

página à situação política. Logo nos minutos iniciais, as ruas são mostradas de maneira exultante pela câmara de Arthur Larie e Bastien Massa, jovens realizadores que, depois de se terem focado na revolução egípcia, viram atenções agora para o momento político no Sudão. O clima é extraordinário, misturando-se palavras de ordem com músicas cantadas/gritadas/tocadas sobretudo por raparigas. A câmara vai desaguar na nossa protagonista e aí começa este “retrato-sintoma” de um país na iminência da sua transformação política.

O segundo filme desta sessão, realizado por uma jornalista e fotógrafa veterana que se inicia aqui no meio da realização cinematográfica, conta a vida da banda de *rock* sul-africana que fez da música uma arma não para atacar ou matar, mas para fazer esquecer a prisão ou acalantar o sonho por liberdade no seio da comunidade negra vivendo diariamente sob a brutalidade do Apartheid. **This is National Wake** (o título pode parecer um piscar de olho à comédia-falso-documentário de Rob Reiner, **This is Spinal Tap** [1984], mas o assunto é sério e grave) é um documentário biográfico sobre os membros da banda, percorrendo os altos e baixos da sua existência, do momento de afirmação à queda no esquecimento, após serem “bloqueados” pelo regime, chegando ainda aos dias de hoje, quando poucos são os sobreviventes que estão cá para prestar testemunho, contando a história destes corajosos músicos. Trata-se da história exemplar de músicos num país cindido, à procura de alguma forma de esperança, que, no caso dos National Wake, nos poucos anos em que lhes foi possível resistir, quer dizer, fazer música, se traduziu numa forma de libertação dos corpos, em concertos mais ou menos clandestinos que tinham o condão, como relata um dos participantes, de tornar possível uma vida para lá da distopia de todos os dias: “Enquanto estávamos a dançar, não havia Apartheid.” O que em bom português é outra maneira de dizer: “Quem dança seus males espanta!”

A uma investigação exaustiva sobre os arquivos, que permite reunir aqui várias imagens históricas desse período – muitas em Super 8 –, a realizadora juntou uma série de testemunhos, na sua maioria contemporâneos, que rebobinam o tempo e revivem, através da música, a sua relação com o turbulento passado da África do Sul. Neste particular, destaca-se, nos instantes finais, o momento em que um dos vocalistas, Ivan Kadey, parte de viagem dos Estados Unidos para visitar Joanesburgo, onde revê amigos e os familiares dos seus colegas de banda, a maioria deles já desaparecida. O pretexto é o relançamento do álbum maldito, que lhes trouxe, quase ao mesmo tempo, o reconhecimento comercial e a resposta musculada do regime, o que contribuiu decisivamente para o fim precoce da banda. É um momento que junta muitas pontas soltas nesta história algo “enterrada”, como é dito a dado passo por Kadey, na história da África do Sul. Um caso em que a música teve uma palavra a dizer, agitando os corpos e preparando as almas, relativamente à revolução por vir.

Luís Mendonça